

vamos repensar

OS ESTUDOS CULTURAIS, MARGARIDA? CONGEMINAÇÕES Para uma conversa

Maria Alzira Seixo
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Suponhamos que temos tempo para tudo. Suponhamos que podemos até concretizar certas congeminações que nos assaltam quando estamos sozinhos, sem fazer nada (ao volante do automóvel, a percorrer a pé um pedaço de rua, no restaurante à espera que nos sirvam e enquanto os amigos se distraem da nossa companhia, à noite antes de irmos para a cama, etc.), e fantasiemos então longas e decisivas conversas com quem está de momento longe de nós. Se eu pudesse concretizar esta conversa, Margarida, dir-te-ia assim.

Antes de tudo, que os Estudos Culturais não são o papão que pensámos um dia, já tão longínquo, em que me avisavas do seu carácter ameaçador para os Estudos Literários. Podem ser, claro, mas apenas em dois casos: se levadas à letra e de modo estreito as propostas dos teóricos que os preconizaram (toda a preconização teórica, já se sabe, tem de ser letra estreita no seu início para poder prosseguir a rota acutilante que a sua instituição pressupõe), ou se os próprios Estudos Literários insistirem na sua especificidade requerida, que nunca soubémos bem qual era e à volta da qual sempre no entanto não deixámos de nos movimentar, e ainda bem que sim, pois nessas voltas arrebanhámos muito do que não era literário (ou pensávamos que não era) e com ele o fomos construindo, e promovendo a sua leitura. Nessas voltas anexámos muito culturalismo, alterámos perspectivas e construímos (e desconstruímos) métodos.

Queria também dizer-te, e é para rir (um pouco como o

>>

Culler faz na anedota do pai que temia que o namorado da filha fosse um "teorista", mas que descobriu que felizmente ele era apenas um "terrorista" — isto passava-se antes do 11 de Setembro, já se vê), que um colega teu daí de cima me disse um dia de passagem que eu tinha fundado os Estudos Culturais em Portugal, e perante o meu pasmo e inquietação (ainda lhe disse: "Mas é engano, porque eu até sou contra!"), recordou o meu velhíssimo artigo sobre os discursos de Vasco Gonçalves (aque-la análise semiológica dos ditos discursos improvisados, rasgados na expressão directa, sem letra escrita, lembras-te, que publiquei depois nos *Discursos do Texto*) e eu fiquei sem fala, como podes calcular, a pensar no parentesco longínquo, mas de qualquer forma existente, com as *Mythologies* do Barthes, e em que quem sai aos seus não degenera. Mas prossigamos. Porque o que agora me interessa é a alteração da perspectiva.

Por alteração não pretendo significar mudança, antes diversidade coexistente no modo de olharmos o objecto do texto. Como no pós-colonial. E que o texto também ele se alargue. Quero dizer: como sabes, o que continuo a fazer são leituras analíticas, considerações do discurso e da sua articulação e incidência, que até hoje ninguém conseguiu provar-me que não é a instância centralizadora (mesmo na sua hipótese dispersiva e irradiante) da criação literária. Tudo o mais são os arredores do Grande Verbo (ah, estas nossas lojas e mafias, *vade retro!*), e por isso dele fazem parte, mas de uma maneira ou de outra, e só o verbo pode permitir-se não ter maneiras, apenas faces apresentadas ao olhar (teórico, crítico, alheado, fruidor). Agora, uma coisa é considerá-lo nesse centro, e proceder em conformidade (mesmo que desconforme ou inadequada, como eu aqui), outra coisa é deteres-te nele e nele te fixares, e permitir que se diga: "elle ne pense qu'à ça"! E tornamos às voltas, à como que necessidade de dançar com o texto, de o deslocar, de nos movimentarmos com ele, em exercícios de gosto e de rigor que ajudam a configurar-lhe o corpo e a sua implantação no mundo. Essa letra que sem ser lida não existe.

Porque a leitura necessita de um lugar (que hoje em dia são praticamente todos os lugares do mundo) e de uma focalização de incidência (que também podem ser as mais diversas). Como, então, arredar de nós a multiplicidade (intersemiótica e multicultural) que nos acompanha na leitura dos textos, na subjectividade (incorporada em mistura – como se diz para a massa dos bolos) do nosso olhar? Pode-se sempre fazer um esforço, dizes bem; mas que o esforço não proceda nem a uma espécie de preservação purificadora (reduzora, fiscalizadora), nem à obliteração do entrançado de vistas que pode orientar-nos. Porque ele é anti-esterilizante, vitamínico, “biológico” (aceitemos mesmo alguns “químicos” componentes, os tais de conceitos...), mas pode permitir as escolhas, o deslaçar dos fios e, com isso, claro está, as mais singulares especializações.

>>

Penso em tudo isto por dois motivos. O primeiro tem a ver com a necessidade cada vez maior que o universitário tem, a meu ver, de pensar os media e a massificação. De tipo cultural ou outro. Pois, diz-me cá, como é que podemos continuar a estudar e a ensinar literatura se fazemos de conta que a sociedade não se alterou, que os hábitos de leitura não se modificam (e reduzem), e a queixar-nos elitisticamente dos alunos que “vêm mal preparados”, que “não leram o que deviam ter lido”, como se por obra e graça do Espírito Santo os programas pudessem mudar e os jovens tivessem de fazer o milagre de estar a par dos actuais programas e dos anteriores, e nós, avestruzes de cabeça enterrada na areia, lamentamo-nos elegiacamente, cheios de boa consciência (até parece que não é nada connosco!), e continuamos a ensinar como há vinte anos, quando não como há trinta ou quarenta. No mínimo, quem tem de ser o Espírito Santo somos nós, pois cabe-nos inventar o modo de ensinar tudo o que interessa e a capacidade de seleccionar, já que não podemos distinguir os filhos dos pais, que no dizer comum deveriam naturalmente fazer dos rebentos as pérolas que nós em cultura não conseguimos fabricar (porque os pais de agora, pensa bem, já foram filhos de programas de

gerações recentes), e todos estão bebendo do mesmo cálice, que ninguém já pode afastar de ninguém, e nós com eles, quando nos acontece descer à terra. (Desculpa lá este palavreado metafísico, mas estou a deixar-me influenciar por uma peça, um filme e uma ópera, todos notáveis, *Angels in America*, que nos ensinam muito a este propósito, fazendo com que tudo venha a convergir no Livro: das várias formas de Bushocracia aos nossos sonhos mais caros e aos pesadelos mais destruídos – e, nada fora deste propósito, sabias que o autor da peça, com quem este serialismo mediático começou, é o Tony Kushner? Sim, sim, o sobrinho da Eva Kushner, essa senhora que nos levou às duas para a Literatura Comparada? Ora já vês, parece que nada acontece por acaso...)

Pensar a massificação, Margarida, é uma tarefa político-económica, claro (e geográfica, e antropológica – como tudo está em tudo, como podemos nós evitar, hoje em dia, a multiplicidade de perspectivas?, e, sobretudo, o combate ao sincretismo simplificador, que é o que eu estou a fazer neste momento, mas enfim, isto é uma conversa fiada só para aproveitar a oportunidade que nos deram de podermos estar juntas; evitá-lo-emos *justamente* na reflexão comparatista, aproveitando os vértices da interdisciplinaridade e jogando com as confluências de especializações), mas *que passa* pela literatura, já que tudo, mas tudo, se filtra pela linguagem (pelas várias formas de linguagem), e que o estudo da linguagem literária é a área privilegiada para se reflectir criticamente e esteticamente sobre qualquer questão. Sobre isso sempre estivémos as duas de acordo. Porque *nada* do que se diz nas palavras é alheio ao nosso interesse de estudiosas, nem, em última análise, ao interesse de quem nada estuda – mas isso existe? – e os Estudos Culturais têm isto de importante que é fazerem-nos repensar a temática como uma figuração renovada das formulações verbais. Pretendi um pouco fazer isso naquela minha comunicação ao congresso da APLC em Évora, a que já não pudeste assistir, mas hei-de publicá-la num sítio qualquer (anda aí pela Net e ainda

alguém lhe chama sua, vais ver), e peço-te que leias e comentes. Seja dito de passagem: a quantidade de coisas que a gente escreve e depois não são publicadas, e a quantidade de coisas que nos pedem para serem publicadas e que a gente não tem tempo para escrever... Digo isto porque, neste âmbito, também os encontros universitários têm de ser repensados, as respectivas publicações, etc., porque andamos todos a fazer trabalhos que ninguém tem tempo para ler, e, no que respeita à massificação, os universitários são os primeiros a não terem a desculpa de se deixarem envolver pela turbulência geral. A culpa é do sistema? Mas nós não fazemos parte do sistema? Ou perdemos a capacidade de luta e silenciámo-nos a nós próprios? Ora, ora... Passámos a viver todos numa espécie de simulacro da existência, de ficção do trabalho produtivo, e o sistema não nos permite pensar, nós lá vamos seguindo (c)ordeiramente, resmungando sem alcance. Mas, cordeiros ou lobos, todos andamos tontos na vida, às sopas da única "agency" efectiva, que é a do poder económico.

O trabalho dos media é complicado de analisar (sobretudo desde que as licenciaturas em comunicação penetraram nas nossas universidades *ligando* a comunicação à indústria, inapelavelmente) e penso que só no âmbito dos Estudos Culturais ele pode ser correctamente equacionado. E não se vê como é que a imprensa (à sombra da qual vivemos) e a televisão (que nos gabamos de rejeitar, como se não fosse um crime rejeitá-la liminarmente, como se o facto de nós a rejeitarmos fizesse com que ela deixasse de existir – quando quem deixa de existir ao fazermos isso somos nós...) não entram nos nossos "corpus" de trabalho, já que têm uma imposição tão decisiva (positiva e negativa) na existência e na *fruição* de cada um.

A outra coisa de que eu queria falar-te é a obra do Coetzee. Do J.M.Coetzee. Parece uma arrogância da minha parte dizer-te isto assim, de modo ligeiro, mas não tenho outra por agora. Sabes como é um enorme escritor. E escreve cada vez melhor. E depois da obra-prima que é a *Disgrace* deu-nos um

>>

livro incrível, despistante e polarizador, a *Elisabeth Costello*. Até parece que, ao compô-lo, ele estava a pensar nos Estudos Culturais. Porque estabelece aí uma articulação tão forte entre a identificação (as questões ligadas à problemática do escritor e do sujeito) e a alteridade (o ponto de vista feminino e a mudança territorial – os homens importantes, no livro, ou são filhos ou amantes, e as “terras” nunca são as de origem), entre o lugar de onde se fala e de que se fala (os territórios africanos e americanos, numa curiosa colocação em patamar idêntico, só na fábula, claro) e a deslocação nómada (o “transeunte de tudo”, como diz o Pessoa), entre o esteticismo literário (a educação pela arte, a convenção do cânone, a classicização do ensino) e a disrupção cultural (a visão leiga da literatura, os comportamentos da doxa, a fissura criada pela interrogação “naíve”), entre a relativa quietação da criação artística, não obstante as suas obsessões e ansiedades (na estética vale tudo, e isso dá alguma paz), e o desassossego da reflexão moral (*justamente*: o modo de escrever e o problema *do que é dito* na escrita, e do seu *sentido*, a perturbar essa paz). Lê com atenção o primeiro capítulo, para veres como a figura da escritora emerge, literariamente (e a partir do monólogo da Molly Bloom, o que é significativo) e humanamente (ela é uma sexagenária homenageada e cansada), e corre a mergulhar, nomeadamente, nos capítulos sobre o Mal e sobre a Vida dos Animais.

Porque o que Coetzee sublinha é a necessidade, não de subordinar a literatura a uma moral herdada e convencional, mas de incorporar a moral de hoje (uma espécie de moral “descritiva”, digamos assim, sem ditados nem imperativos: a verificação dos costumes que praticamos, a noção de “bem” que a doxa aceita, os politicamente e outramente “correctos”!) no trabalho que é o das letras escritas e o das letras ditas, isto é, o pensamento que a linguagem produz no seu modo de reformular, questionando-o, o estado do mundo. Faça-me entender? Ou seja, trata-se ainda de uma forma mais (e outra) de abordar a questão da representação. E não estou a ver os Estudos

Literários tradicionais a irem muito por aí – até me disseram que na Austrália o livro não foi muito bem recebido... Será fácil dizer que aquilo não é literatura (ele próprio designa os vários capítulos como “lições”, portanto a moral, aqui, será apenas uma maneira de orientar o pensamento), mas o difícil, quanto a mim, é dizer-se que a escrita de Coetzee nos deixa indiferentes, porque ele reintroduz na literatura a validação estética do acto de pensar.

Provavelmente não vamos ter tempo para efectuar esta conversa. Ou alguma outra coisa nos há-de faltar, para ela. Ficam estas notas... Tu sabes como a vida é feita de incompletude, e a discussão também, e por isso podes aceitar esta minha gesticulação premente e imperfeita. Mas deixa que eu ao menos enuncie uma preocupação (que não nos alheemos dos Estudos Culturais!), uma queixa (como perdemos nós de vista as várias formas de ética – relacional, científica e universitária?) e uma qualidade (a da obra de John Michael Coetzee). No mínimo, ler *Elisabeth Costello* vai ser bom para quem calhe a passar por estas páginas. É só isso que agora pretendo. E a gente vai-se vendo, Margarida. <<

>>